

HANS
CHRISTIAN
ANDERSEN

CONTOS

HANS CHRISTIAN ANDERSEN



CONTOS

TEMAS E DEBATES

Círculo de Leitores

O Fuzil Mágico



ra uma vez um soldado que ia a marchar pela estrada: um, dois, um, dois! Levava a mochila às costas e uma espada à cintura, porque tinha estado na guerra e agora regressava a casa.

Nisto, encontrou uma bruxa muito feia: o lábio inferior caía-lhe até ao peito.

– Boa tarde, soldado! – disse ela. – Que linda espada e que grande mochila tens! És um soldado a sério! Vais ter o dinheiro que quiseses!

– Obrigado, ó velha – respondeu o soldado.

– Vês essa árvore? – perguntou a bruxa, apontando para a árvore que estava ao lado dele. – É oca por dentro! Tens de trepar até lá acima. Depois, vês um buraco, entras e deixas-te escorregar mesmo até ao fundo. Vou atar-te uma corda à cintura para poder voltar a puxar-te quando me chamares.

– Que queres que faça no fundo da árvore? – perguntou o soldado.

– Que vás buscar dinheiro! – respondeu a velha. – Quando chegares lá abaixo, vês um corredor muito grande cheio de luz, onde ardem mil tochas. Depois, vais ver três portas, que podes abrir porque está lá a chave. No meio do chão do primeiro quarto está um cão sentado em cima de uma grande arca; tem uns olhos grandes como chávenas de chá, mas não te preocupes! Eu dou-te o meu avental aos quadrados azuis para estenderes no chão; entra depressa, pega no cão, pousa-o no meu avental, abre a arca e tira as moedas que quiseses. São todas de cobre. Se quiseses de prata,



tens de ir ao quarto a seguir, onde está um cão com uns olhos grandes como mós de moinho. Não te preocupes: pousa-o no meu avental e tira as moedas de prata! Se preferires de ouro, podes ir buscar as que quiseses ao terceiro quarto. O cão que está sentado na arca de ouro tem dois olhos como uma torre redonda; acredita, é um cão a sério! Mas não te preocupes! Se o pousares no meu avental, não te fará nada. Depois, tira da arca as moedas de ouro que quiseses!

– Não seria nada mau! – disse o soldado. – Mas, ó velha, que queres que te dê em troca? Porque alguma coisa hás de querer, suponho.

– Não – respondeu a velha. – Não quero nem uma moeda! Só um velho fuzil que a minha avó se esqueceu de trazer da última vez que lá esteve.

– Está bem. Então ata-me a corda à volta do corpo – concordou o soldado.

– Está aqui – tornou a velha. – E toma o meu avental aos quadrados azuis.

O soldado trepou à árvore, deixou-se escorregar pelo buraco abaixo e foi dar, como a velha tinha dito, ao grande corredor onde ardiam mil tochas.

Quando abriu a primeira porta, oh!. .. o cão com os olhos grandes como chávenas de chá estava a olhar para ele.

– És um rapaz muito simpático! – observou o soldado. Pousou o cão no avental da velha, tirou as moedas de cobre que conseguiu meter nos bolsos, fechou a arca, voltou a pousar o cão em cima e foi ao segundo quarto. Olha! Lá estava o cão com os olhos como mós de moinho.

– Não me observes assim! – disse o soldado. – Ainda ficas com dores nos olhos! – E pousou o cão no avental da velha.

Quando viu tantas moedas na arca, deitou fora as de cobre que tinha e encheu os bolsos e a mochila com as de prata. Entrou então no terceiro quarto. Não, que horror! Os olhos do cão, grandes como uma torre redonda, giravam à volta como rodas!

– Boa tarde! – cumprimentou o soldado, levando a mão ao boné. Nunca tinha visto um cão assim! Depois de o observar durante um bocado, achou que já chegava, pousou-o no chão e abriu a arca. Valha-nos Deus! Tanto ouro! Chegava para comprar Copenhaga, os porquinhos de açúcar das vendedeiras de bolos e todos os soldadinhos de chumbo, chibatas e cavalos de baloço que havia no mundo! Sim, era mesmo ouro!

O soldado deitou fora todas as moedas de prata e encheu tanto com as de ouro os bolsos, a mochila, o boné e as botas que mal podia andar. Agora tinha dinheiro! Pousou o cão em cima da arca, fechou a porta e gritou para cima:

– Tens o fuzil? – perguntou a velha.



– É verdade, tinha-me esquecido – disse o soldado. Foi buscá-lo e depois a velha puxou-o outra vez para a estrada, com os bolsos, as botas, a mochila e o boné cheios de moedas de ouro.

– Para que queres o fuzil? – perguntou o soldado.

– Não tens nada que ver com isso! – disse a velha. – Já tens o dinheiro, dá-me o fuzil!

– Nem penses! – respondeu o soldado. – Ou me dizes já para que o queres ou pego na espada e corto-te a cabeça.

– Não – disse a velha.

Então, o soldado cortou-lhe a cabeça, atou o ouro todo no avental dela, pôs a trouxa às costas, meteu o fuzil no bolso e continuou o seu caminho para a cidade.

Era uma cidade magnífica. Entrou na hospedaria mais bonita que encontrou e pediu o melhor quarto e a melhor comida, que comeu com gosto. Agora era muito rico. Tinha imenso dinheiro!

O criado que lhe engraxou as botas achou estranho que um senhor tão rico tivesse umas botas tão velhas, mas o soldado ainda não arranjava outras. No dia seguinte, foi comprar umas botas e roupa nova. Como era agora um senhor importante, as pessoas começaram a falar-lhe de todos os esplendores que havia na cidade, do rei e da princesa sua filha, que era encantadora.

– Onde posso vê-la? – perguntou o soldado.

– Não se pode! – responderam todos. – Vive num grande castelo de cobre com muitas muralhas e torres à volta! Ninguém pode entrar e sair a não ser el-rei, porque lhe disseram que está escrito que ela há de casar com um soldado, e isso não lhe agrada.

«Gostava de a ver», pensou o soldado. Mas não tinha licença.

Levara agora uma vida muito alegre: ia ao teatro, passeava no jardim do rei e dava muito dinheiro aos pobres, no que fazia muito bem. Sabia como era difícil as pessoas não terem nem um tostão!

Era rico, tinha roupas bonitas e fez muitos amigos, que lhe diziam que ele era muito simpático e um verdadeiro cavalheiro, o que agradava ao soldado. Mas como dava dinheiro todos os dias e nunca recebia nenhum, acabou por ficar só com duas moedas. Por isso, teve de sair dos quartos onde vivia e de ir para um muito pequeno, mesmo debaixo do telhado. Viu-se obrigado a ser ele a limpar as botas e a cosê-las. E como era preciso subir muitas escadas, nenhum dos amigos o visitava.

Uma noite, estava muito escuro e ele nem sequer tinha dinheiro para comprar uma vela. Nisto, lembrou-se que ainda havia um bocadinho de pavio no fuzil que tirara da árvore oca de onde a velha o ajudara a sair, e foi



buscá-lo. Mas logo que as centelhas saltaram da pedra, a porta escancarou-se. O cão com os olhos grandes como chávenas de chá que vira na árvore apareceu-lhe à frente e disse:

– Que mandais, ó meu amo?

– Que é isto? – perguntou o soldado. – Que fuzil estranho! Dás-me o que eu quiser? Pois traz-me algum dinheiro – ordenou ao cão, que desapareceu e apareceu num abrir e fechar de olhos, trazendo na boca um grande saco de moedas.

O soldado percebeu então que fuzil magnífico tinha: se fizesse faísca uma vez, aparecia-lhe o cão que estava sentado em cima da arca com as moedas de cobre; se fossem duas vezes, vinha o das moedas de prata, e, se fizesse o mesmo três vezes, aparecia-lhe o que guardava o ouro. Por isso, mudou-se outra vez para os bonitos quartos lá de baixo, vestiu as roupas boas e os amigos voltaram a ir ter com ele e a gostar da sua companhia.

Uma vez, pensou assim: «É muito curioso nunca se poder ver a princesa! Todos dizem que deve ser tão bonita! Mas de que serve isso se está sempre no grande castelo de cobre com as torres? Será que não consigo vê-la?» Onde está o meu fuzil? Fez faísca uma vez e apareceu logo o cão com olhos do tamanho de chávenas de chá.

– Eu sei que a noite já vai alta – começou ele –, mas gostava tanto de ver a princesa, nem que fosse só por um momento!

O cão saiu porta fora e voltou com a princesa enquanto o diabo esfrega um olho.

Estava a dormir no lombo do cão e era tão encantadora que qualquer um podia ver que se tratava de uma verdadeira princesa. O soldado, que era um verdadeiro soldado, não conseguiu conter-se e deu-lhe um beijo.

O cão levou a princesa outra vez embora. De manhã, quando el-rei e a rainha estavam a tomar chá, a princesa contou-lhes que tivera um sonho muito estranho com um cão e um soldado. Tinha montado no cão e o soldado dera-lhe um beijo.

– Que história curiosa! – comentou a rainha.

Na noite seguinte, uma das velhas damas da corte ficou de vigia no quarto da princesa, para ver se fora mesmo um sonho ou se era outra coisa qualquer.

Como o soldado tinha muitas saudades da linda princesa, o cão foi lá à noite, pegou nela e correu como só ele sabia correr. Mas a dama calçou umas botas de borracha e foi atrás dele.

Quando os viu desaparecer numa casa muito grande, pensou: «Agora já sei onde é.» E desenhou uma grande cruz na porta com um pedaço de giz.



Depois foi para casa, deitou-se e o cão regressou com a princesa. Quando viu que tinham feito uma cruz na porta onde vivia o soldado, pegou num bocado de giz e fez cruces em todas as portas da cidade inteira. Foi esperto: assim, a dama da corte não podia encontrar a porta certa, porque havia cruces em todas.

De manhã cedinho, el-rei, a rainha, a velha dama da corte e os oficiais todos foram ver onde tinha estado a princesa.

– Lá está ela! – disse o rei, quando viu a primeira porta com uma cruz.

– Não, meu querido esposo, está ali! – corrigiu a rainha, ao ver a segunda.

– Mas está ali outra... e outra... – apontaram todos. Para onde quer que se virassem, viam sempre cruces nas portas. Então perceberam que não havia nada a fazer.

Mas a rainha, que era muito esperta e não sabia só andar de carruagem, pegou na tesoura dourada, cortou um pedaço de tecido de seda em duas metades e costurou um bonito saquinho. A seguir, encheu-o de grãos de trigo-sarraceno, atou-o às costas da princesa e abriu-lhe um buaquinho, para que os grãos fossem caindo pelo caminho que a princesa percorresse.

O cão voltou de noite, pegou na princesa, pô-la às costas e correu para o soldado, que a amava tanto que gostaria de ser um príncipe para poder tomá-la por mulher. O cão não reparou nos grãos que caíram desde o castelo até à janela do soldado e trepou a parede com a princesa. De manhã, o rei e a rainha viram onde a filha tinha estado, pegaram no soldado e atiraram-no para a cadeia. Oh, estava tão escuro e era tão aborrecido! Então disseram-lhe:

– Amanhã serás enforcado!

Aquilo não parecia nada divertido. Ainda por cima, esquecera-se do fuzil na hospedaria. De manhã, espreitou pelas grades de ferro e viu as pessoas da cidade a andar muito apressadas: iam vê-lo a ser enforcado. Ouviu os tambores e viu os soldados a marchar. Toda a gente corria. Um aprendiz de sapateiro, de avental de couro e chinelas, ia a correr tanto que uma chinela até lhe saiu a voar contra a parede onde o soldado espreitava por entre as grades de ferro.

– Ó aprendiz de sapateiro, não tenhas tanta pressa – gritou-lhe o soldado. – Sem mim, não se passará nada. Olha, se fores ao sítio onde eu vivia e me trouxeres o meu fuzil, dar-te-ei quatro moedas. Mas tens de correr muito!

O moço, que queria as quatro moedas, correu a buscar o fuzil, deu-o ao soldado e... já vamos saber o que aconteceu.



Ergueu-se um grande patíbulo fora da cidade, à volta do qual se encontravam os soldados e muitas centenas de milhares de pessoas. O rei e a rainha estavam sentados num bonito trono mesmo em frente do juiz e de todo o Conselho.

O soldado já subira o escadote. Quando iam a passar-lhe a corda à volta do pescoço, disse que os criminosos tinham sempre direito a um último desejo inocente antes de cumprirem a sua pena. E a ele apetecia-lhe muito fumar um cachimbo; era o último que ia fumar neste mundo.

El-rei não quis recusar-lhe o pedido e o soldado pegou no fuzil e fez faísca: uma, duas, três vezes! Apareceram logo os três cães: o dos olhos grandes como chávenas de chá, o dos olhos como mós de moinho e o que tinha os olhos do tamanho de torres redondas.

– Ajudai-me para não ser enforcado! – disse o soldado. Os cães pegaram no juiz e no Conselho todo, agarrando uns pelas pernas e outros pelo nariz, e atiraram-nos ao ar com tanta força que, quando voltaram a cair, até saltaram em pedacinhos.

– Eu não! – disse o rei, mas o cão maior pegou nele e na rainha e atirou-os atrás dos outros todos.

Os soldados ficaram assustados e toda a gente gritou:

– Ó soldadinho, serás o nosso rei e desposarás a linda princesa!

Sentaram então o soldado na carruagem de el-rei. Os cães iam à frente a dançar e a gritar vivas. Os rapazes levavam os dedos à boca e assobiavam e os soldados apresentavam as armas. A princesa saiu do castelo de cobre e tornou-se rainha, o que lhe agradou muito. A boda durou oito dias. Os cães sentaram-se à mesa e abriram muito os olhos.

A Princesa e a Ervilha



ra uma vez um príncipe que queria casar com uma princesa, mas tinha de ser uma princesa a sério. Por isso, correu mundo à procura de uma, mas havia sempre qualquer coisa que não estava bem. Princesas, viu muitas, mas agora se eram verdadeiras... Tinham sempre qualquer coisa que parecia não ser como devia. Então voltou para casa muito triste, porque queria mesmo casar com uma princesa verdadeira.

Uma noite, houve um temporal terrível. Os relâmpagos iluminavam o céu, os trovões cruzavam os ares e chovia a cântaros. Um pavor! Nisto, bateram à porta da cidade e o velho rei foi abrir.

Era uma princesa. Mas, meu Deus, em que estado se encontrava por causa da chuva e do mau tempo! A água escorria-lhe do cabelo e da roupa, entrava-lhe pelas biqueiras dos sapatos e voltava a sair pelos calcanhares. Mesmo assim, dizia que era uma princesa a sério.

«Já vamos saber se é verdade», pensou a velha rainha. Sem dizer nada, foi ao quarto de dormir, tirou a roupa toda da cama e pôs uma ervilha junto ao estrado. Depois, empilhou vinte colchões e vinte cobertores em cima da ervilha.

Foi aqui que a princesa passou a noite. De manhã, perguntaram-lhe se tinha dormido bem.



– Oh, muito mal! – respondeu a princesa. – Quase não preguei olho a noite toda! Deus sabe o que tinha na cama! Dormi em cima de uma coisa dura e estou cheia de nódoas negras no corpo todo! Foi horrível!

Viram então que era uma princesa a sério, porque tinha sentido a ervilha através dos vinte colchões e dos vinte cobertores. Ninguém podia ser tão sensível a não ser uma princesa verdadeira.

Por isso, o príncipe tomou-a por esposa, pois agora sabia que tinha encontrado uma princesa a sério. A ervilha foi para o museu, onde ainda hoje pode ver-se, caso ninguém a tenha roubado.

Vês? Foi uma bela história!

As Flores da Pequena Ida



s minhas pobres flores estão muito murchas! – disse a pequena Ida. – Ontem estavam tão bonitas e agora têm as folhas penduradas! Porque será? – perguntou ao estudante sentado no sofá, de quem gostava muito porque ele sabia histórias maravilhosas e recortava figurinhas muito divertidas: corações com donzelas no

meio a dançar, flores e grandes castelos com portas que se abriam. Era um estudante muito alegre. – Porque estão as flores tão caídas? – repetiu, mostrando-lhe um ramo bastante murcho.

– Sabes o que têm? – perguntou o estudante.

– Estão de cabeça caída porque ontem à noite foram ao baile.

– Mas as flores não dançam! – protestou a pequena Ida.

– Aí é que estás enganada! À noite, quando estamos a dormir, começam a saltitar, muito contentes. Têm bailes quase todas as noites.

– E as crianças não podem ir ao baile?

– Podem – respondeu o estudante. – As margaridas e os lírios-do-vale pequenos podem.

– Onde dançam as flores mais bonitas? – perguntou ela.

– Nunca estiveste à porta do grande castelo onde el-rei passa o verão e onde fica aquele lindo jardim cheio de flores? Até já viste os cisnes, que vêm a nadar para nós quando lhes damos migalhas de pão. Pois olha, é lá que se realiza o grande baile, acredita!



– Fui ontem ao jardim com a minha mãe – começou a pequena Ida –, mas as folhas tinham caído todas das árvores e quase não havia flores! Onde estão? Vi tantas no verão!

– Estão dentro do castelo! Mal o rei e os cortesãos se mudam para a cidade, as flores saem do jardim e vão a correr divertir-se para o castelo. Devias ver! As duas rosas mais bonitas sentam-se no trono e passam a ser o rei e a rainha. As cristas-de-galo vermelhas põem-se de pé dos dois lados a fazer vénias: são os camareiros. Depois, chegam as outras flores muito catitas e há um grande baile. Os jacintos e o açafraão, representando cadetes da marinha, dançam com as violetas azuis, às quais chamam «meninas». As túlipas e os grandes lírios amarelos são os senhores de idade que veem se está tudo a correr bem e com decência.

– Mas ninguém faz mal às flores por dançarem no castelo de el-rei? – perguntou a pequena Ida.

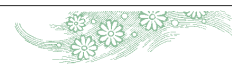
– Ninguém sabe de nada – respondeu o estudante. – Às vezes, aparece o guarda do castelo, que tem um grande molho de chaves. Logo que as flores ouvem as chaves tilintar, ficam muito quietinhas, escondem-se atrás dos cortinados e espreitam para fora. «Cheira-me aqui a flores», diz o velho guarda. Mas não consegue vê-las.

– Que engraçado! – exclamou a pequena, batendo palmas. – Eu também não conseguiria ver as flores?

– Olha, da próxima vês que lá fores, não te esqueças de espreitar pela janela. De certeza que vais vê-las – disse o estudante. – Hoje fui lá e vi uma açucena muito comprida estendida no sofá, a fazer de conta que era uma dama da corte.

– As flores do Jardim Botânico também podem ir? Sabem o caminho? Porque é muito longe!

– Claro que sim. Se quisessem, até podiam voar! Nunca viste as bonitas borboletas vermelhas, amarelas e brancas que parecem flores? Pois já foram mesmo flores. Saltaram dos caules muito alto para o ar, bateram as pétalas como se fossem asinhas e voaram. Como se portaram bem, tiveram autorização para voar todos os dias, não precisaram de voltar para casa e ficar quietinhas nos seus caules, e as pétalas acabaram por se transformar em asas a sério. Tu já viste! Mas pode muito bem ser que as flores do Jardim Botânico nunca tenham estado no castelo de el-rei ou não saibam das alegres festas que ali se realizam. Deixa-me dizer-te uma coisa que vai espantar o professor de Botânica que vive aqui ao lado. Tu conhece-lo, não é? Quando fores ao seu jardim, diz a uma das flores que há um grande baile no castelo. Ela contará-lo-á às outras e todas voarão. Depois, quando o



professor for ao jardim, não verá uma única flor e não perceberá onde se meteram.

– Como pode uma flor contar às outras? As flores não falam.

– Pois não, mas fazem sinais umas às outras – respondeu o estudante. – Nunca reparaste que, quando está vento, as flores se curvam e mexem as folhas? Para elas, é como se falassem.

– O professor compreende os sinais? – perguntou Ida.

– E muito bem! Uma manhã, foi ao jardim e viu uma urtiga fazendo sinais com as folhas a um bonito cravo vermelho. Dizia assim: «És tão encantador que me apaixonei por ti!» Como o professor não gostou nada do que viu, bateu nas folhas da urtiga, que são os seus dedos. Olha, picou-se tanto que nunca mais tocou em urtigas!

– Que engraçado! – riu ela.

– Como pode alguém dizer tais disparates a uma criança? – observou um conselheiro que estava de visita, sentado no sofá. Não suportava o estudante e resmungava sempre que o via recortar as suas divertidas figurinhas: um homem enforcado num patíbulo com um coração na mão, porque era um ladrão de corações, ou uma velha bruxa montada numa vassoura transportando o marido no nariz. O conselheiro não o suportava e dizia como agora: «Como pode alguém contar tais disparates a uma criança? Que tolices!»

Mas a pequena Ida achou muita piada ao que o estudante lhe contou das flores.

Pensava nisso muitas vezes. As flores curvavam a cabeça de cansaço por terem dançado durante toda a noite. Se calhar estavam doentes. Por isso, levou-as para uma bonita mesinha, com uma gaveta cheia de brinquedos. A boneca Sofia dormia deitada na cama das bonecas, mas a pequena Ida disse-lhe:

– Tens de te levantar, Sofia. Hoje à noite ficas na gaveta. As pobres flores estão doentes e têm de se deitar na tua cama. Talvez assim fiquem boas. – E pegou na boneca, que tinha um ar amuado e não pronunciou uma única palavra. Estava zangada por não poder ficar na cama.

Ida deitou as flores na caminha, tapou-as com cuidado e disse-lhes para ficarem sossegadinhas enquanto ela lhes fazia chá para voltarem a ficar boas e poderem levantar-se de manhã. Depois, fechou bem os cortinados da cama para o sol não lhes bater nos olhos.

O que o estudante lhe contara não lhe saiu da cabeça durante todo o serão. Antes de ir para a cama, espreitou atrás das cortinas da janela onde estavam os bonitos jacintos e túlipas da mãe e sussurrou-lhes muito baixinho:



– Sei muito bem que ides hoje à noite ao baile! – As flores fizeram de conta que não era nada com elas e não mexeram nem uma folha, mas a pequena Ida sabia muito bem o que se passava. Quando foi para a cama, ficou muito tempo acordada a pensar como devia ser bonito ver as lindas flores dançar no castelo de el-rei. – As minhas flores terão mesmo estado lá? – Depois, adormeceu. De noite, acordou. Tinha sonhado com as flores e com o conselheiro que ralhara com o estudante por ele lhe contar disparates. O quarto estava em silêncio. A lamparina ardia na mesa e o pai e a mãe dormiam.

«As minhas flores estarão deitadas na cama da Sofia?», pensou. «Gostava muito de saber!» Soergueu-se um bocadinho e olhou pela porta aberta para o quarto onde estavam as flores e todos os brinquedos. Pôs-se à escuta e pareceu-lhe ouvir alguém tocar piano muito baixinho. Nunca ouvira melodia tão bonita!

«De certeza que as flores estão a dançar», cismou. «Oh, meu Deus, como gostaria de ver!» Mas não se atrevia a levantar-se, porque ia acordar o pai e a mãe. «Se ao menos viessem aqui!», pensou. Mas as flores não apareceram e a bonita música continuou a tocar. Nisto, não conseguiu aguentar mais, saiu devagarinho da cama, aproximou-se da porta sem fazer barulho e espreitou. Oh, que engraçado era o que viu!

Não havia nenhuma lamparina no quarto, mas estava muita claridade, porque a Lua brilhava pela janela e iluminava o soalho. Era quase como se fosse de dia. Os jacintos e as túlipas formavam duas longas fileiras no quarto. Já não havia nenhum na janela, só os vasos vazios. As flores dançavam graciosamente no chão, formando uma fila e agarrando-se pelas folhas de cada vez que rodavam. Quem estava sentada ao piano era uma grande açucena que Ida de certeza vira no verão. Lembrava-se muito bem que o estudante até dissera:

– Oh, é muito parecida com a menina Lina!

Na altura, todos se tinham rido dele, mas agora Ida também achava que a comprida flor se assemelhava muito à menina. Até fazia os mesmos movimentos quando tocava, inclinando o rosto comprido ora para um lado ora para o outro e meneando a cabeça ao ritmo da bonita música. Ninguém reparou na pequena Ida. Nisto, uma grande flor azul de açafão saltou para a mesa dos brinquedos, dirigiu-se à cama das bonecas e afastou os cortinados. As flores doentes levantaram-se logo e acenaram às outras, indicando-lhes que também queriam dançar. O velho boneco de madeira que tinha o lábio de baixo rachado levantou-se e fez uma vénia às bonitas flores, que não pareciam nada doentes, pois puseram-se a saltar, muito divertidas.